



Evento	Salão UFRGS 2014: X SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre - RS
Título	Teoria, técnica e o aluno: Repensando o repertório dentro do ensino de cinema e vídeo na graduação em comunicação.
Autor	Juliano Rodrigues Pimentel

Este relato busca expor as dificuldades e soluções encontradas no ensino da teoria e técnica de cinema e vídeo, como observadas no meu período de estágio docente enquanto mestrando do PPGCOM-UFRGS. Como contraponto, pude utilizar a minha própria experiência como aluno egresso de um curso de bacharelado em Audiovisual. Acredito na importância desse relato por alguns motivos: a) o crescente número de cursos de ensino superior em cinema e vídeo; b) a demanda por este tipo de conhecimento dentro dos cursos oferecidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; c) a bastante escassa bibliografia existente sobre as particularidades envolvidas no ensino do audiovisual e relatos de experiência de ensino deste assunto. Nos últimos dois semestres, 2013/2 e 2014/1, eu tive um contato muito grande com alunos da disciplina ministrada pela profa. Dra. Miriam Rossini, Mídias Audiovisuais, do segundo semestre dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda (FABICO-UFRGS), primeiro em estágio docente e no semestre seguinte fazendo algumas inserções na disciplina como pesquisador convidado. Uma das razões de ser da disciplina é a de familiarizar os alunos com teorias e reflexões sobre o fazer cinematográfico/vídeo, e, também, instrumentalizá-los tecnicamente para a realização de pequenos filmes. Neste ponto detectei o problema que me motiva a compartilhar esse relato de experiência de ensino. Grande parte da bibliografia existente sobre alguns assuntos pertinentes ao audiovisual lida com exemplificações e relações com obras que fogem drasticamente do que pode ser detectado e encarado como o repertório atual/contemporâneo dos alunos. A partir disso, e de uma inspiração nas teorias que lidam com a educação estética, cheguei à hipótese de que seria necessário adaptar os exemplos “clássicos” ao imaginário audiovisual dos alunos, convidando eles para trazer as suas predileções como feedback do que eram as suas experiências com cinema, vídeos e filmes em geral. Essa hipótese se comprovou na medida em que, através de uma mediação, foi possível utilizar exemplos, trechos de objetos audiovisuais que os alunos dominavam com o fim não de ilustrar diretamente o conteúdo que era necessário desenvolver, mas, apontar que havia uma proximidade entre o exemplo atual e o fora do domínio dos alunos, e que, embora os exemplos antigos ainda se apresentassem pouco palatáveis, os recentes causavam uma espécie de “efeito de legitimação” já que articulavam os conceitos e técnicas de maneira semelhante aos antigos. Com isso foi possível atingir dois grandes êxitos que são muito caros para o ensino de audiovisual, enquanto área que se preocupa com cinema e vídeo: a clareza e compreensão de teorias e reflexões sobre os assuntos; e a construção de um repertório cultural imagético e sonoro em formato de teia, capaz de ampliar as possibilidades dos alunos proporem leituras ricas e diversificadas sobre importantes obras culturais, nacionais e internacionais, em formato de cinema e vídeo.